

Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades – Campus Guarabira
Departamento de Educação
Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiras e Indígenas
Curso de Especialização em Educação Étnico-racial na Educação
Infantil

ALANE MOREIRA DOS SANTOS

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O RACISMO NO SERIADO “TODO MUNDO ODEIA O
CHRIS” E O SEU USO NA PRÁTICA ANTIRRACISTA DE PROFESSORES E
PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

**GUARABIRA
2021**

ALANE MOREIRA DOS SANTOS

CONSIDERAÇÕES SOBRE O RACISMO NO SERIADO “TODO MUNDO ODEIA O CHRIS” E O SEU USO NA PRÁTICA ANTIRRACISTA DE PROFESSORES E PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Especialização em Educação Étnico-racial na Educação Infantil, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Área de concentração: Educação Étnico-racial na Educação Infantil e Intermédias.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S324c Santos, Alane Moreira dos.

Considerações sobre o racismo no seriado "Todo mundo odeia o Chris" e o seu uso na prática antirracista de professores e professoras da Educação Infantil [manuscrito] / Alane Moreira dos Santos. - 2021.

56 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima, Departamento de História - CH."

1. Racismo. 2. Seriado Televisivo. 3. Antirracista. 4. Educação. I. Título

21. ed. CDD 372.24

ALANE MOREIRA DOS SANTOS

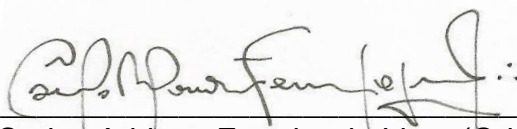
CONSIDERAÇÕES SOBRE O RACISMO NO SERIADO “TODO MUNDO ODEIA O CHRIS” E O SEU USO NA PRÁTICA ANTIRRACISTA DE PROFESSORES E PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Especialização em Educação Étnico-racial na Educação Infantil, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Área de concentração: Educação Étnico-racial na Educação Infantil e Intermédias.

Aprovada em: 28/06/2021.


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



Prof. Ms. Daniel Torquato Fonseca Lima
Colégio da Polícia Militar Estudante Rebeca Cristina Alves Simões (SEE-PB)

A Deus, por sempre me manter de pé, por ser o meu refúgio. Aos meus pais, pelo apoio e dedicação de sempre e a todas as pessoas negras que sofrem discriminações raciais diariamente.
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter sido sempre o meu refúgio e por ter me dado forças para chegar até aqui.

A minha família por sempre estarem ao meu lado, me ajudando da forma que podem, em especial aos meus pais, a quem eu devo a minha vida e tento sempre orgulha-los.

A todos os professores e professoras que fizeram parte dessa jornada, durante a especialização, infelizmente devido à pandemia não podemos conhecer todos pessoalmente. Agradeço em especial aos coordenadores do curso, professor Waldeci Chagas e a professora Rita Cavalcante, por desempenharem com êxito os seus papéis.

A todos (as) companheiros(as) de turma, pessoas as quais adquiri afeto, carinho e muito aprendizado.

Agradeço, em especial, ao meu orientador Carlos Adriano, por ter aceitado me orientar mais uma vez, por todo apoio, paciência e ajuda de sempre. Minha admiração por ele vem desde os tempos da graduação. Agradeço também a minha banca examinadora.

E por último, agradeço a mim, por ter sido forte em tempos tão difíceis, quando não imaginei que conseguiria, por ter conseguido iniciar um trabalho de conclusão de curso quando descobri o câncer do meu pai, mas graças a Deus ele está bem, além de estarmos passando por uma pandemia, cheia de incertezas e muito medo. Não foi fácil para ninguém conseguir concluir o curso.

Obrigada, Deus, por ter me fortalecido.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

Nelson Mandela. (URI, 2007)

RESUMO

O presente trabalho teve por finalidade, apresentar de forma sucinta, a importância da temática étnico-racial na formação de professoras e professores e de reconhecer a linguagem audiovisual na prática de uma formação emancipadora, antirracista. Para tanto, recorreu-se ao seriado televisivo norte-americano, “Todo Mundo Odeia O Chris” (Everybody hates Chris), diante da popularidade no Brasil, em suas reprises em emissoras de canal aberto exibido durante anos. Como metodologia foi feita uma pesquisa qualitativa e análise de conteúdo audiovisual e racismo, através dos vídeos da série “Todo Mundo Odeia O Chris” e de diversos artigos e livros sobre a temática do racismo, racismo na escola e mídia televisiva. Pautada na primeira temporada da série (2005-2006), apresentamos as personagens da família do protagonista Chris (Tyler James Williams), criado por Chris Rock e Ali LeRoi. O primeiro criador também atua como narrador dos eventos da série em *voicer*, e a série. Recorrendo ao tom da comédia da infância e ambientado na Nova York dos anos 1980, temos um *sitcom* do que teria sido o passado do criador/narrador. Tendo em vista que o racismo estrutural está em nosso cotidiano, apresentaremos as personagens da família. O presente trabalho será relevante para que educadores entendam qual o seu papel nas suas práticas e lutas antirracistas. Além da série como referente principal de análise, dialogamos com alguns autores e autoras que debatem sobre os temas que perpassam nossa análise, no qual discutem o racismo presente nas escolas e o racismo estrutural, para tanto, destacamos: ALMEIDA (2019), RIBEIRO (2019), GOMES (2011), SANT’ANA (2005), ALMEIDA (2019), FARIAS (2019), GONZALES (2020) entre outros (as). Concluimos que é de extrema importância que a temática sobre o racismo seja debatida em sala de aula, desde os anos iniciais, e os professores e professoras podem trabalhar com o audiovisual para ajudar na aprendizagem dos alunos e alunas sobre essa temática.

Palavras-Chave: Racismo. Seriado Televisivo. Antirracista. Educação.

ABSTRACT

The present work had as a succinct presentation the importance in the ethnic-racial formation of professors and teachers of recognizing an audiovisual language in the practice of an emancipatory, anti-racist formation. For this purpose, the North American television series "Todo Mundo Odeia O Chris" was used, in view of the popularity in Brazil, in its retransmissions on open channel stations that have been functional for years. As a methodology was made a qualitative research and analysis of audiovisual content and racism, through the videos of the series "Everybody Hates Chris" and several articles and books on the subject of racism, racism in school and television media. Guided in the first season of the series (2005-2006), it features characters from the family of the protagonist Chris (Tyler James Williams), created by Chris Rock and Ali LeRoi. The first creator also acts as narrator of the events of the series in voiceover, and the series. Using a childhood comedy tone and set in 1980s New York, we have a sitcom of what would have been the creator/narrator's past. Bearing in mind that structural racism is in our daily lives, we will present them as family characters. This work will be relevant for educators to understand their role in their anti-racist practices and struggles. In addition to the series as the main reference for the analysis, we will dialogue with some authors and authors who debate the themes that permeate our analysis, in which they discuss the racism present in schools and structural racism, for that, we highlight: ALMEIDA (2019), RIBEIRO (2019), GOMES (2011), SANT'ANA (2005), ALMEIDA (2019), FARIAS (2019), GONZALES (2020) among others.

Keywords: Racism. TV series. Anti-racist. Education.

SUMÁRIO

| | | |
|-----|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | TODO MUNDO ODEIA O CHRIS, A SÉRIE..... | 19 |
| 3 | RACISMO ESTRUTURAL DE CADA DIA..... | 30 |
| 3.1 | <i>O papel da Educação para combater o Racismo.....</i> | 35 |
| 4 | METODOLOGIA | 44 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 45 |
| 6 | REFEREÊNCIAS..... | 48 |
| | ANEXO A – CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CONSELHO PLENO/DF RESOLUÇÃO Nº1, DE 17 DE JUNHO DE 2004..... | 51 |
| | ANEXO B – LISTA DE EPISÓDIOS DA SÉRIE “TODO MUNDO ODEIA O CHRIS” NO ESTADOS UNIDOS, NA PRIMEIRA TEMPORADA..... | 55 |
| | ANEXO C – LISTA DE AUDIÊNCIA DA SÉRIE “TODO MUNDO ODEIA O CHRIS” NO BRASIL, NA REDE RECORD TV..... | 57 |

1- INTRODUÇÃO

Diante do atual cenário no qual vivemos, com inúmeros casos de mortes, agressões verbais e físicas, sofridas por pessoas negras, desde a escravidão (em 1535 quando o primeiro navio com negros escravizados chegaram ao Brasil e tendo o seu fim com a abolição formal da escravidão, por meio da Lei Áurea em 1888). Mesmo com o fim da escravidão, os índices de violência letal só têm crescido, conforme observamos mais de cento e cinquenta anos como podemos destacar nas informações mais atuais segundo o Atlas da violência de 2018:

Apenas em 2018, para citar o exemplo mais recente, os negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE) representaram 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8. Comparativamente, entre os não negros (soma de brancos, amarelos e indígenas) a taxa foi de 13,9, o que significa que, para cada indivíduo não negro morto em 2018, 2,7 negros foram mortos. Da mesma forma, as mulheres negras representaram 68% do total das mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 5,2, quase o dobro quando comparada à das mulheres não negras (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2020).

Nesse cenário marcado por violência contra a pessoa negra é de suma importância a existência de conteúdos midiáticos com personagens negros, que retratem a história da pessoa negra como enredo principal das suas tramas (no que diz respeito a novelas, séries ou filmes), e não apenas que contenham atores/atrizes negros/as em seu enredo, com pouca importância e de pouco destaque, como ocorre:

A ausência de negros é, ao lado da reprodução de estereótipos, uma forma também de inviabilizar a diferença, apagá-la. [...] Ausência essa que é, em alguma medida, deliberada, visto que seguimos vivendo no regime da normatividade branca, da branquitude como padrão. Então, o negro é ausentado, já que sua cor marca uma presença que produz estranhamentos dentro dessa normatividade branca. (MIELKE, CLAUDIA, 2017)

Como fonte principal de pesquisa e realização do presente trabalho, recorreremos ao seriado “Todo Mundo Odeia o Chris”, uma série norte-americana de grande sucesso no Brasil, com 4 temporadas, cada temporada com 22 episódios, totalizando 88 episódios. A série foi exibida pela primeira vez em 22 de setembro de 2005 e o seu episódio final em 8 de maio de 2009, nos Estados Unidos. No Brasil a série era exibida pela Sony (canal fechado) de forma legendada, na televisão aberta a série foi exibida pela primeira vez na Rede Record em 1º de outubro de 2006 e por questões autorais de contrato, a série foi retirada e inserida algumas vezes da programação (pois uma série ou filme só pode ficar determinado tempo em cada emissora, é necessário que o contrato seja renovado). Atualmente a série está na programação da Emissora Record, nos anexos B e C, inserimos os dados de audiência. Também é possível assistir a série completa em plataformas de *streaming* com assinatura, tais como: *Amazon Prime* e *GloboPlay*.

Todos os episódios da primeira temporada analisada tem a mesma estrutura (externa aos eventos). Ao contrário de outras séries que iniciam com a abertura da série, temos ao contrário, com um pequeno prólogo *in time res* (em tempo de mídia) que sintetiza os eventos. Dura aproximadamente dois minutos e é seguido dos créditos da série em que são apresentados Chris e sua família. Possuem a trama principal relacionada com o título que sempre inicia com *Todo mundo odeia...*, subenredos com os personagens da família interagindo em outros contextos, e sarcasmo de Chris Brow.

A análise sobre a série “Todo Mundo Odeia o Chris”, em sua primeira temporada, propõe mostrar a importância dos programas televisivos com personagens negros, apresentando a situação social vivenciada por uma família negra, vivendo no Brooklin dos anos 1980, bairro pobre e de população de pessoas

negras, perpassando pelo espaço escolar de pessoas brancas, no qual mostra a amizade de dois adolescentes, um menino branco e um negro, em que ambos são alvos de constantes ameaças. O (a) professor (a) pode ao assistir perceber um espaço que mesmo ficcional apresenta questões para além da sala de aula, ressaltando a importância do respeito mútuo, afeto e *amizade* independente de etnia.

Para tanto, ratificamos que será analisado a primeira temporada, pois na primeira temporada é possível conhecer a família do protagonista Chris (Tyler James Williams), seus pais Julius (Terry Crews) e Rochelle (Tichina Arnold), e seus dois irmãos a caçula Tonya (Imani Hakin) e seu irmão Drew (Tequan Richmond), além de seu melhor amigo Greg Wuliguer (Vicent Martella), a sua mudança para um novo bairro e a sua chegada em uma nova escola cujo nome Corleone, referente ao filme *O Poderoso Chefão (1972)*, é uma das muitas citações presentes na série onde será possível ver as primeiras cenas de racismo sofridas pelo protagonista na série, assim como, cenas de arquivos que intercalam momentos da história americana.

A série é um *sitcom*, ou seja, comédia, o que pode ser notado como o humor crítico e intercalado com cenas histriônicas, principalmente quando o narrador está contando uma história e aparecem outras cenas, a sua classificação etária é, dependendo do episódio entre 10 e 12 anos. A série nos apresenta e demonstra situações de racismo vivenciados pela personagem principal, que sofre situações de racismo pelos meninos brancos da sua escola e também da sua professora de História, um estereótipo da pessoa branca que busca proteger ao mesmo tempo que desconhece a própria condição do racismo estrutural que faz parte. Além do personagem Joey Caruso (Travis T. Flory), cujo intuito é bater e causar racismo.

Tendo em vista que praticamente todas as cenas de preconceito racial vivenciadas pelo protagonista da série ocorrem em todos os espaços, no ônibus em que ninguém senta ao lado do Chris, na escola e outras situações. Cabe à educadora e educador a pertinência em analisar e poder repensar suas práticas com a série.

O educador e a educadora tem um papel importante no combate contra o racismo e a discriminação racial em todo o espaço escolar, principalmente em sala de aula, é papel do (a) educador(a) estar preparado para debater o assunto nas suas aulas e o (a) professor (a) pode usar essas cenas de racismo e discriminação racial presentes na série como um instrumento para explicar como o racismo estrutural está presente no dia a dia, seja nas escolas ou em outros espaços, Silvio Almeida destaca sobre o que é o racismo estrutural:

A tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e a política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução de formas de desigualdades e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais – e, portanto, incompletos – de conceber o racismo. (ALMEIDA, 2019, p.15)

O (a) professor (a) deve destacar os impactos que podem acontecer se as práticas racistas continuarem acontecendo de maneira já tidas como “normais”, como destaca Silvio Almeida:

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais. Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência

explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc. Enfim, sem nada fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. De tal modo que, se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas. (ALMEIDA, 2019, p.32)

Esse é um trabalho que precisa ser posto em prática diariamente. O (a) professor (a) já tem em mãos uma Lei que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio, a Lei 10.639/03, no entanto, alguns (as) professores(as) debatem o tema apenas no Dia da Consciência Negra (20 de Novembro).

A responsabilidade do (a) professor (a) nesse quesito é maior do que a do (a) Secretário(a) de Educação da sua cidade, maior do que a do diretor (a) da sua escola, pois é o (a) professor (a) que está diariamente em sala com os (a) alunos(a), passando os conteúdos e ensinando os mesmos a serem seres pensantes, então, ele ou ela deve contribuir diariamente para que haja uma mudança em relação ao respeito mútuo em sala de aula e em qualquer outro local, independentemente de raça, cor ou etnia. É sua responsabilidade preparar o (a) seu (a) aluno (a) para compreender e entender sobre como o racismo age na vida das pessoas negras.

Quando o assunto é mídia televisiva, seja nas telenovelas, séries, propagandas ou qualquer outro tipo de programa, na televisão brasileira, a pessoa negra que representa mais da metade da população brasileira (pois a população que se declara negra no Brasil segundo o IBGE é de 54%), ainda apresenta-se de forma coadjuvante (desempenha um papel secundário). No que se refere às telenovelas brasileiras, a pessoa negra desempenha um papel ao qual faz remeter o negro sempre ao negro que gosta de samba, o malandro ou o negro que mora na favela, em bairros que existem muita violência e criminalidade, remetendo sempre o negro a

uma pessoa violenta, ou ainda, ocupando cargos como empregados domésticos, porteiros, motoristas e escravizados (no caso das novelas de época), etc., que sempre reforçam estereótipos tradicionais. O (a) professor (a) em sala de aula, deve desmistificar os estereótipos atribuídos a pessoa negra, sabendo-se que algumas crianças e adolescentes da sociedade contemporânea, estão muito atentas aos assuntos que estão sendo debatidos na atualidade, elas tem em mãos uma diversidade de informações (no que se refere as crianças e adolescente que tem acesso a televisão ou internet). O (a) professor (a) precisa usar isso ao seu favor em sala de aula, cabe ao mesmo trazer essas discussões para os (as) seus (as) alunos (as), pois o (a) professor (a) tem o papel de mediador do conhecimento, e precisa estar sempre buscando informações relevantes sobre o racismo e a importância da representatividade de pessoas negras nas mídias televisivas, contextualizando na sua prática pedagógica.

Os negros estão presentes nas novelas desde os anos 70, no entanto, raramente a pessoa negra é associada com algum papel de protagonista ou de destaque, como destaca Solange Lima em pesquisa feita para a Revista USP:

Desde os anos 70 as telenovelas têm apresentado personagens negros de certa projeção social, representados por bons atores, mas que não têm, na trama, história própria, nem família, nem núcleo social: são as personagens soltas. Estão nessa situação uma galeria de padres, juizes, promotores, donos de estabelecimentos comerciais, etc. (LIMA, Solange Martins Couceiro de, 2000- 2001, p.92)

Ou seja, as personagens interpretadas por atores/atrizes negros/negras, são aqueles que aparecem em momentos específicos, aparecem em determinadas cenas, sem que chame muita atenção do telespectador. No ano de 1975, uma pessoa negra interpretou pela primeira vez em uma novela sem ser uma pessoa subalterna, pobre ou escravizado, na primeira versão da novela *Pecado Capital*, de

Janete Clair, exibida pela Rede Globo, a personagem que foi interpretada pelo ator Milton Gonçalves era um psiquiatra.

Como podemos notar na pesquisa da Solange Lima para a Revista USP (2000-2001), os negros estão presentes nas mídias televisivas, através das telenovelas desde os anos 1970, é comum vermos a presença de atores/atrizes negros/as nas novelas, filmes ou séries, porém alguns autores e diretores podem ter uma “boa intenção” em contratar atores/atrizes negros/negras, no entanto “pecam” ao inseri-los em suas histórias de forma “errôneas”, pois, perpassa pelo imaginário deles sobre a gente negra no Brasil. São vistos pelos dramaturgos como subalternos e inferiores:

Com relação à telenovela brasileira e a temática racial, podemos afirmar que colocar ou não o tema na trama de uma telenovela depende muito do autor. Alguns têm essa temática no rol de suas preocupações sociais ou de seus comprometermos em retratar a realidade brasileira. Outros não. Ainda assim, quando selecionam esse tema para discutir, nem todos os autores o fazem com facilidade ou demonstram familiaridade com a questão[...]. O autor que se dispõe a discutir ou apenas introduzir personagens negras enfrentará as inúmeras mediações que nortearão os destinos dessas personagens [...] (LIMA, Solange Martins Couceiro de, 2000-2001, p.97)

No que diz respeito a dramaturgia, a emissora de maior destaque do país e grande exportadora de telenovelas, a Rede Globo, já exibiu novelas com personagens de destaque negras, como podemos citar a novela *Da Cor do Pecado*, primeira novela com a personagem principal negra (exibida na Rede Globo no ano de 2004 e atualmente está sendo reprisada pelo canal do Grupo Globo Viva) que trazia a atriz Taís Araújo, uma mulher negra, como personagem principal. Mas isso não é o suficiente, apenas colocar pessoas negras nas novelas, séries ou filmes, não importa apenas a quantidade de personagens negras, é preciso analisar como

essas imagens aparecem e se multiplicam na mídia, e de que forma essa imagem vai chegar à casa do telespectador, é necessário que seja promovido mudanças nas formas dessas imagens estereotipadas, como vemos no próprio título dessa novela que trouxe pela primeira vez uma personagem negra como a personagem principal, o título da novela é um título que recebeu diversas críticas na época da sua exibição, pois remete a cor da pele de uma forma pejorativa:

Em 2004, quando a novela foi ao ar originalmente, a questão racial engatinhava no Brasil. Falar que uma mulher preta era “da cor do pecado” ainda era visto como elogio. Quase duas décadas depois, combater o racismo se tornou pauta essencial nos meios de comunicação. O Grupo Globo abriu espaço para o tema em programas como *Em Pauta*, na *GloboNews*, e no especial *Falas Negras*, exibido na TV aberta. Além do título racista, a própria trama protagonizada por Taís Araújo e Reynaldo Gianecchini tem como pano de fundo o preconceito racial. A maldade de Bárbara interpretada por Giovanna Antonelli, são provocadas pelo ódio contra Preta, além do desejo de afastá-la de Paco. Em muitas cenas, a vilã diminui a rival pela cor da pele ao xingá-la de “neguinha”. (PACHECO, Paulo, 2021)

O racismo é uma realidade que ainda permanece na nossa sociedade, no entanto algumas vezes de forma “maquiada”, é preciso que crianças negras se vejam na televisão não apenas na condição de escravizada, subalterna ou empregada, é necessário que seja mostrado outra realidade da vida dessa pessoa, além de mostrar todas as dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras, pode ser mostrado outro lado, como por exemplo, pessoas negras bem sucedidas. Por mais que seja essencial a presença de pessoas negras nas mídias televisivas, de certa forma, essa presença não fará as emissoras, autores ou contratantes, pessoas não racistas:

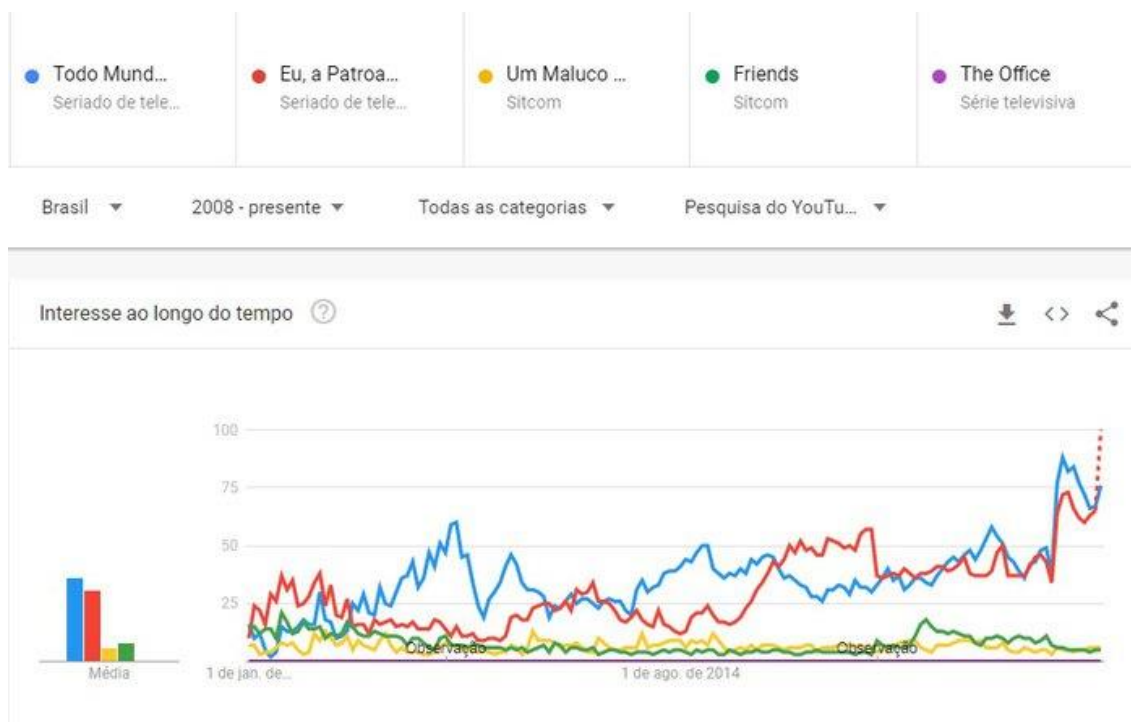
[...] O racismo não se limita à representatividade. Ainda que essencial, a mera presença de pessoas negras e de outras minorias em espaços de poder e decisão não significa que a instituição deixará de atuar de forma racista. A ação dos indivíduos é orientada, e muitas vezes só é possível por meio das instituições, sempre tendo como pano de fundo os princípios estruturais da sociedade, como as questões de fundo os princípios

estruturais da sociedade, como as questões de ordem política. (ALMEIDA, Silvio, 2019, p.32)

2- TODO MUNDO ODEIA O CHRIS, A SERIE

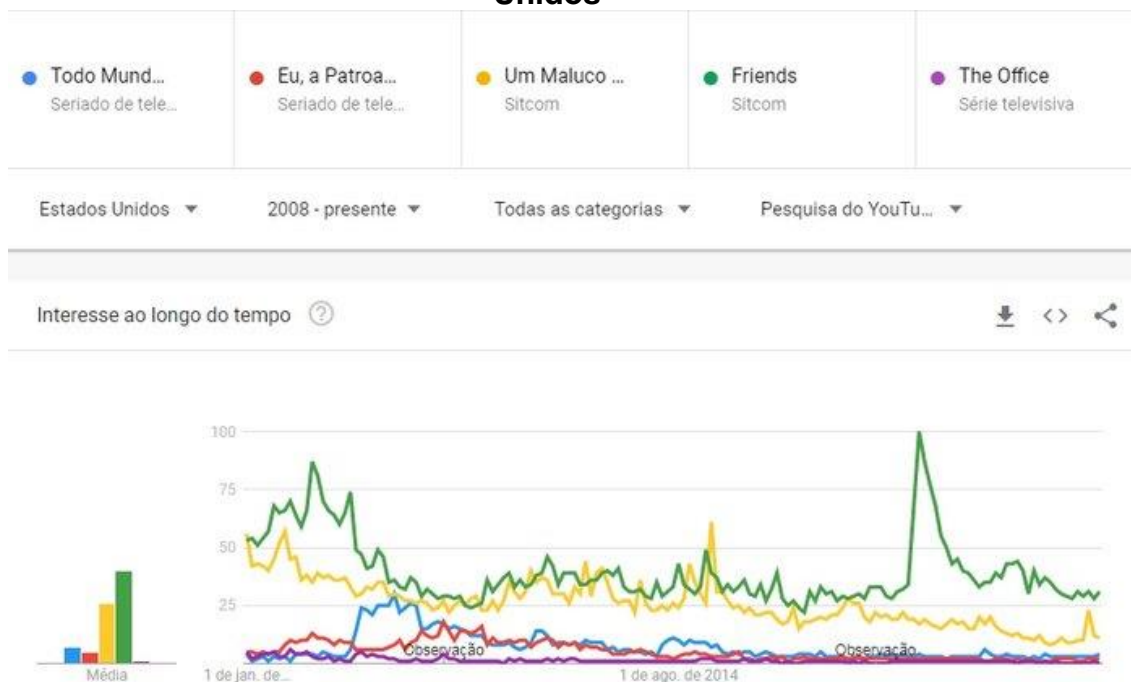
A série “Todo Mundo Odeia O Chris” foi inspirada na história do ator e comediante Christopher Julius Rock III (Chris Rock). A sua narração é feita pelo próprio Chris Rock e baseia-se no que seriam suas memórias de infância. Nos Estados Unidos a série se chama “Everybody Hates Chris” e no Brasil “Todo Mundo Odeia O Chris”. Após assistir e analisar todos os episódios da primeira temporada podemos apontar algumas cenas específicas de racismo vivenciadas pelo ator principal da série, praticamente todas essas cenas acontecem na escola e algumas fora do espaço escolar. Ao comparar dados da plataforma Youtube (onde a série é muito procurada), em 2008 quando a série ainda estava sendo gravada, a procura pela série “Todo Mundo Odeia Chris”, pelos brasileiros, estava à frente de outras séries bastantes conhecidas como “Eu, a Patroa e As Crianças” e “Um Maluco no Pedaço” (série que também é composta por atores/atrizes negros/as). O que demonstra o sucesso da série no Brasil. Como demonstram os gráficos abaixo:

Gráfico 1-Procura da Série Todo Mundo Odeia o Chris no Brasil



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2021/01/por-que-todo-mundo-odeia-o-chris-e-tao-amada-no-brasil-ckjuh1a3007m019wbnoyh4gy.html>.

Gráfico 2- Procura da Série Todo Mundo Odeia o Chris nos Estados Unidos



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2021/01/por-que-todo-mundo-odeia-o-chris-e-tao-amada-no-brasil-ckjuh1a3007m019wbnoyh4gy.html>.

O primeiro episódio da série tem o título “Todo Mundo Odeia O Chris” / “Everybody Hates Chris” (1982), a série inicia com a mudança do Chris e toda a sua família para o bairro do Brooklyn em 1982, quando Rochelle, a mãe do Chris, convenceu o seu pai Julius (Terry Crews), a se mudarem de bairro (antes eles moravam nos Conjuntos Habitacionais), pois a mesma dizia que Conjunto era apenas outra palavra para amontoado. O Chris vai apresentando cada membro da sua família, falando um pouco das características de cada um. Chris por ser o irmão mais velho sempre era o responsável por cuidar dos irmãos. Drew (Tequan Richmond) que mesmo sendo mais jovem, era o mais alto e descolado, totalmente contrário ao Chris, e Tonya (Imani Hakim) sua irmã mais nova, era aquela criança que fazia sempre o que queria, além de ser a preferida do pai, ela sempre jogava a culpa das suas travessuras no Chris, ele sempre arrumava as bagunças dela, ele era o adulto e responsável pela casa quando os seus pais não estavam em casa. Chris tinha 13 anos, Drew 10 e Tonya 8 anos, respectivamente.

Continuando no primeiro episódio, Chris vai estudar na Escola Secundária Corleone, no Brooklyn Beach (bairro italiano pobre do outro lado da cidade), enquanto os seus irmãos estudam no mesmo bairro que moram. Ao questionar a sua mãe de o porquê dele ter que ir estudar em outra escola diferente, em outro bairro, ela diz que o “Ginásio/Colegial do bairro é uma fábrica de marginais” e os garotos brancos recebem educação. O que podemos ver que se trata da primeira cena de racismo presente na série, pois a mãe do Chris não acredita que é possível ter uma educação melhor em uma escola de negros.

O pai do Chris tem dois empregos, o que deveria ser um recurso cômico, mas é a representação das dificuldades financeiras da pessoa negra com baixos salários, reforçado pela forma irônica que é tratada uma espécie de super economia ao saber

o preço de tudo. Chris era o único garoto negro na escola, ele precisava pegar dois ônibus para ir à escola, no primeiro ônibus, o 26, era cheio de pessoas negras e ele ia lendo o jornal, nesse momento o narrador (Chris Rock) diz: “aprendi mais no caminho do que aprendi na escola”, no seu segundo ônibus, o 44, ele era o único negro e ninguém sentava ao seu lado, por mais que o ônibus estivesse lotado, as pessoas ficavam em pé, mas não sentavam ao seu lado de forma alguma. Rochelle achava que estudar em uma escola de brancos era garantia de boa educação e mais segurança. Ao abordar tal episódio em sala, o (a) professor (a) pode explicar para os seus alunos que tal atitude é de extremo racismo, quando as pessoas não querem sentar ao lado do Chris pelo simples fato dele ser negro, o (a) professor (a) deve explicar o quanto essa atitude pode constranger e machucar uma pessoa negra, e a respeito da mãe do Chris considerar que estudar em uma escola de brancos garantem uma boa educação, o professor pode explicar aos (as) seus (as) alunos (as) que é um exercício de negação por parte do negro, para depois reconhecer-se, é também um exercício de querer incluir-se socialmente. Como os símbolos negros não são aceitos, se apropriam dos símbolos brancos e depois constrói a liberdade.

Ainda no primeiro episódio, Chris foi perseguido na escola desde a primeira semana pelo aluno Joey Caruso (Travis T. Flory), um garoto marrento, briguento que implicava com o Chris, como ele diz na narração: “Joey Caruso um marginalzinho com uma índole sinistra”. Chris até tinha passado “despercebido” por ele, até que Chris foi para a escola com um sapato social do seu irmão. Caruso é completamente racista ao falar a frase: “pisante bacana, pixaim”. Chris revida e faz uma piada com a mãe de Caruso, no entanto a sua valentia não valeu em nada, Caruso o derruba no chão e ele cai nos pés do diretor Dr. Raymond (Jude Ciccolella). O diretor chama a

atenção de Caruso, o que faz ele ficar ainda mais bravo e falar outra frase racista “te pego na saída neguinho”. Nesse momento Chris faz a sua única amizade na escola com Greg Wuliger (Vicente Martella), ele também apanhava de Caruso e isso foi o que os uniu de início. Na hora do almoço Caruso pega o passe livre do Chris (passagem para o ônibus), no final da aula Chris vai brigar com Caruso, apanha e sai correndo, todos ficam rindo dele e os seguem até o ônibus. Isso é muito comum acontecer nas escolas, crianças negras sempre sofrem com atitudes racistas por parte dos seus colegas. Ao chegar em casa Chris não conta aos pais o que aconteceu na escola, pois acreditava que na época do seu pai era bem pior. No episódio seguinte “Todo Mundo Odeia a Keisha/ Everdyoby Hates Keisha (1982)”, Caruso leva uma advertência e deixa Chris em paz por um tempo. No segundo episódio não há nenhuma cena de racismo.

No terceiro episódio “Todo Mundo Odeia Basquetebol/ Everydoby Hates Basketball (1982)”, Chris é convidado para o time de basquete pelo treinador, após ele ver o Chris arremessar uma bolinha de papel na lixeira (nesse momento a voz do narrador diz: “se um garoto branco tivesse jogado, ninguém ia prestar atenção, mas como eu sou neguinho, olha só o que o técnico viu”, então passa um trecho de uma partida de basquete com um homem negro jogando perfeitamente), ou seja só por ser negro o treinador achou que ele seria um ótimo jogador, no entanto, Chris não sabia jogar, como não levava jeito para nenhum outro esporte. Chris afirma para o treinador que não sabe jogar basquete, mas o treinador insiste em colocá-lo no time. Todos os membros do time recebem Chris muito bem, por acharem que ele iria ser um ótimo jogador, a “salvação do time”, apenas pelo fato de ser negro. Mas, Chris mostra no seu primeiro jogo que ele é um desastre e todo o carinho por parte dos jogadores do time e por parte dos outros alunos, acaba.

No quarto episódio “Todo Mundo Odeia Linguiça/ Everydoby Hates Sousage (1982)”, nos primeiros minutos, Chris é encarado por todos os alunos e professores. Até uma professora se tranca em uma sala, pois tinham medo do Chris apenas pelo fato dele ser negro. Essa cena pode até passar “despercebida” se você assiste a série sem um olhar crítico, as pessoas podem até achar engraçado os alunos olhando para o Chris de uma forma “espantada” quando o mesmo não está fazendo nada, como a cena da professora correndo e se trancando em uma sala, com medo de um aluno que não está fazendo nada. Nas cenas seguintes do mesmo episódio, volta à tona a história do primeiro episódio, quando Chris e Caruso brigam na escola. Surge um boato na escola que Caruso apanhou do Chris nessa briga, o que não era verídico, no entanto, Caruso acredita que quem está espalhando o boato é o Chris, o que faz ele bater mais ainda no garoto. Chris por não aguentar mais aquela situação, joga um objeto em Caruso, mas ele desvia e o objeto bate no vidro da janela e a quebra. Então, Chris é levado para a detenção, onde acontece outra cena de racismo, dessa vez por parte do diretor.

Ao chegar na sala da direção, o diretor afirma que as coisas estão sendo difíceis para o Chris na escola, pois o mesmo não tem pai, Chris nega e diz que tem sim um pai, depois o diretor afirma que a mãe do Chris usa drogas e que ele já nasceu viciado, Chris continua negando, mas de nada adianta, o diretor atribui ao Chris que as coisas não estão dando certo para ele por situações que não existem, pois Chris tem pais honestos. O diretor ao invés de ver o racismo explícito sofrido pelo garoto e tomar uma atitude para que se tenha uma mudança em relação aos acontecimentos de brigas com o Chris, ele faz o mesmo, cometendo racismo contra o menino.

Dos episódios cinco ao nove, não notamos nenhuma cena explícita de racismo, temos desde a narração até eventos que ressaltam o racismo cotidiano. No episódio 10 “Todo Mundo Odeia O Greg/ Everybody Hates Greg (1982)”, Chris vai até a casa do seu amigo Greg e por ele ser um garoto branco, Chris acredita que o mesmo mora em uma mansão, no entanto a casa do Greg é um casa simples. Nesse episódio vemos cenas de racismo, quando Chris sai tarde da casa do Greg e as pessoas zombam dele na rua apenas por ele ser um menino negro.

O episódio 11 “Todo Mundo Odeia O Natal/ Everybody Hates Christmas (1982)”, é o episódio que acontece a cena de racismo que talvez possa chamar mais a atenção dos telespectadores. A professora de história Ms. Morello (Jacqueline Mazarella), pede aos alunos que tragam alimentos para serem doados aos menos afortunados, enquanto ela vai dando o aviso, ela bate no ombro do Chris, dando a entender que a família dele passava necessidades por ser uma família de pessoas negras. Chris então pergunta se só servem produtos enlatados ou se pode levar comidas em caixa e a professora responde que ele não precisa levar nada e acrescenta: “foi muito bem pensando, eu sei que essa época do ano deve ser muito difícil para a sua família”. Ela constrange o garoto na frente de toda a turma. Chris fica até sem entender o porquê da professora está falando aquilo e responde que está indo tudo bem com a sua família, porém, a professora não acredita.

Ainda no mesmo episódio, quando chega em casa, Chris avisa para a sua mãe que vai ter coleta de alimentos na escola para ajudar os menos afortunados, Rochelle prontamente diz para ele levar os produtos de marca e não os genéricos, pois não quer que ninguém pense que eles não podem doar comida. No dia seguinte Chris leva os alimentos para a escola, no momento em que ele estava deixando os alimentos junto com os outros, a sua professora chega e diz: “não precisava trazer

comida, as vezes eu esqueço como a sua gente é resistente”. E Chris sem entender indaga: “Minha gente é resistente? Que história é essa?” e a professora diz que um dia eles vão se dar bem e pede que Chris fale com ela depois da aula, pois ela tinha trazido uma “coisinha” para ele e Chris novamente fica sem entender. Na cena seguinte (no mesmo episódio), Chris chega em casa com uma caixa cheia de alimentos que ele ganhou da sua professora, pois a mesma acha que eles são necessitados e famintos, Rochelle no entanto não aceita e faz Chris levar tudo de volta no dia seguinte. Mesmo Chris insistindo que não precisava de ajuda/doações de alimentos a sua professora vai entregar os alimentos arrecadados na sua casa. Eles estão assistindo um programa de televisão onde está passando a professora do Chris, falando que vai entregar para uma família necessitada, que mesmo precisando são orgulhosos, e para surpresa de Rochelle a professora está na porta da sua casa, quando a porta se abre e todos ficam assustados com a chegada da professora com a equipe de reportagem, o episódio termina.

É notório durante todo o episódio 11, que de nada adianta o Chris afirmar a situação a qual a sua família vive, pois a professora acredita que eles são apenas orgulhosos, é verdade que a família do Chris vive de certa forma com o básico, com o pai do Chris tendo que trabalhar em dois empregos para sustentar a família e pagar as contas, no entanto não é da forma que a professora acredita, ela pode até ter “boas intenções” em ajudar, no entanto ela deveria ouvir o que o garoto diz. E mesmo vivendo com o básico, os pais do Chris tentam dar o melhor aos seus filhos da forma que podem, como mostra no episódio 13 “Todo Mundo Odeia Tirar Fotos/ Everybody Hates Picture Day (1983)”, nesse episódio Rochelle faz trabalhos extras para comprar uma roupa nova para o Chris tirar as fotos na escola, para não parecer que a sua família não tem condições, ela sempre quer mostrar que vive em uma

situação melhor do que a sua realidade. Nos episódios seguintes, do 14 ao 17, não notamos cenas de racismo que seja relevante para a noção discussão.

No episódio 18 “Todo Mundo Odeia a Corleone/ Everybody Hates Corleone (1983)”, é perceptível como o Chris já está saturado com todas as situações de racismo sofridas por ele e insiste para que ele mude de escola, ele tenta de todas as formas ser expulso, mas não consegue. Após ele insistir tanto que não aguenta mais a escola, os pais decidem procurar outra escola, mas ao visitar a escola do seu bairro Chris fica assustado pelos alunos maiores de lá e ver que nessa escola ele sofreria também e decide continuar na Corleone.

Ao analisar a série, podemos destacar que em alguns momentos, as personagens negras se sentem inferiores ao branco, quando acreditam que as pessoas brancas sempre são ricas, como aconteceu no primeiro episódio, quando Rochelle, colocou o seu filho em uma escola de brancos, por acreditar que a educação de brancos é melhor do que a educação dos negros, e também, quando o Chris foi visitar a casa do amigo Greg pela primeira vez, o mesmo achava que o Greg apenas por ser branco era rico e morava em uma mansão. A série em alguns momentos, demonstra que ser negro é considerado “sinônimo de pobreza”, e por mais que a pessoa negra tente provar o contrário, como aconteceu no episódio onze, quando a professora de História Ms. Morello, não acreditou no Chris quando ele afirmou que a sua família não passava por necessidade, em contrapartida Rochelle sempre tenta demonstrar viver uma realidade diferente da qual ela realmente vive, quando a mesma pede que o Chris leve os melhores produtos que ela tem em casa, para ser doado na escola. Ela nega que a sua família seja vista como uma família pobre. Danubia Andrade (2011) faz essa observação na sua análise sobre a série:

Em Todo mundo odeia o Chris, observo um esgarçamento das representações da pobreza acoplada à negritude sob duas perspectivas. Primeiramente, viva no olhar do branco para o negro, esperando dele sempre uma posição social econômica inferior independente dos dados concretos (negros vestidos elegantemente, com acessórios de valor, em situação de consumo etc.). Em seguida, no olhar do negro para consigo mesmo, pois ao saber-se sempre inferior, espera que o branco dê mostras de riqueza. (ANDRADE, 2011, p.10).

A pessoa negra sempre é vista de maneira inferior ao branco, ainda que esteja bem vestida, que tenha uma boa situação financeira, uma boa escolaridade, sempre a colocam num local inferior, como se o negro não pudesse está em uma colocação superior ao branco, por isso a pessoa negra por diversas vezes demonstra e exhibe a sua riqueza, para que o branco perceba que o negro é capaz de conquistar o que quiser, igualmente ao branco, pois, o mesmo tem capacidade e inteligência igual ao branco, por mais que as dificuldades sejam maiores para a pessoa negra.

Como podemos ver, as cenas da primeira temporada da série “Todo Mundo Odeia O Chris”, mostram cenas pontuais de racismo vivenciadas por um garoto de apenas 13 anos, o que infelizmente aconteceu na vida real desse garoto e acontece até os dias atuais na vida de tantos outros garotos e garotas negros/negras, que são xingados (as) diariamente nas escolas, seja pela sua cor, pelos seus traços ou pelo seus cabelos. E o mais chocante é que as situações de racismo ocorrem também por parte de alguns (as) professores (as) e responsáveis pela escola, eles são os que deveriam estar mais preparados para agir nessas situações. É crucial que seja debatido o racismo nas escolas para que possa haver uma mudança. A série pode auxiliar os (as) professores (as) em suas aulas, ao assistir os episódios da primeira temporada e analisa-los, será perceptível para o (a) professor (a) as cenas de racismos presentes nos episódios destacados acima, com base em um ou mais

episódios, o (a) professor (a) poderá preparar a sua aula sobre racismo e sobre a importância da representatividade de pessoas negras em séries, novelas, filmes ou comerciais televisivos, mostrando aos (as) seus (as) alunos (as) as cenas de racismo presentes no episódio escolhido, explicando cada uma e debatendo com os seus (as) alunos (as), dando espaço para que eles possam tirar as suas dúvidas sobre a temática e para tanto, cabe ao (a) professor (a) contextualizar sobre a importância de como o racismo acontece na prática, de forma que os (as) seus (as) alunos (as) compreendam e entendam tais atitudes, seja por palavras ou frases ditas, ou ainda por ações que venham a machucar a pessoa negra. Destacando como tais atitudes podem ser prejudiciais a vida de uma criança negra que sofre pelo simples fato de ser negro:

Não importa se uma criança é negra, branca ou indígena. Qualquer criança ao conviver em uma realidade de desigualdade e de discriminação tem a ilusão de que negros, brancos e indígenas devem ocupar necessariamente lugares diferentes na sociedade. Seja diante da TV, nas histórias infantis, as crianças vão se desenvolvendo com imagens retorcidas de papéis e lugares segundo cor de pele ou aparências. (RIPPER, João, 2010, p.5)

É papel do (a) professor (a) impedir que em sala de aula o (a) aluno (a) se sinta dessa forma, que o (a) aluno (a) se sinta discriminado (a), que se sinta inferior pela sua cor, é papel do (a) professor (a) mostrar ao (a) aluno (a) negro/negra que ele/ela é importante na nossa sociedade, que os seus ancestrais tiveram muita importância na construção do nosso país, é papel do (a) professor (a) impedir a discriminação racial em sala de aula, é dever também do (a) professor (a) fazer com que os (as) seus (as) alunos (as) se respeitem em sala de aula, independente da sua etnia, sexualidade ou religião.

3- RACISMO ESTRUTURAL DE CADA DIA

O racismo existe sim na sociedade brasileira nos dias atuais e por mais que poucos tenham a coragem de assumir que são racistas “é impossível não ser racista numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar” (RIBEIRO, 2019), todos nós já fomos racistas em algum momento das nossas vidas e não importa se foi com ou sem intenção, isso não é o que importa quando falamos de racismo, o que importa é a forma como ferimos o outro:

Perceba como tratar pessoas não-brancas como diferentes ou inferiores foi normalizado. Perceba também que, para muitos, é normal que pessoas não-brancas sejam mais expostas à pobreza, à violência, à condições injustas e humilhantes. Entender que somos todos (as) parte do problema é o primeiro passo. Como parte da mesma nação e compartilhando da mesma cultura e estrutura social, estamos também imersos na lógica racista, já que a sociedade brasileira é racista em sua origem. O racismo está em nosso dia a dia, por isso, para combatê-lo devemos estar vigilantes de nossas ações e de ações coletivas que perpetuem injustiças. A manutenção do racismo em nossa sociedade até hoje normalizou que, em um país com mais da metade da população negra, a grande maioria dos nossos representantes políticos sejam brancos, que nossas referências literárias sejam quase 100% de pessoas brancas, que a abordagem policial (Nossa Causa, Somos todos racistas? 2020).

O racismo existe no nosso país, é crime, como sabemos, no entanto, poucos conseguem assumir que são racistas, usam as mesmas velhas desculpas: “Ah, mas eu tenho amigos negros”, “meu avô era negro”, “meu primo é negro”, conviver com pessoas negras não faz você deixar de ser uma pessoa racista, se suas atitudes mostram o contrário, você pode tratar bem o seu amigo negro e ainda pode fazer piadas referentes a sua cor ou cabelo, e também ter medo quando encontrar um negro na rua, você pode conviver com o seu avô negro e respeitá-lo, mas você zombar de pessoas negras desconhecidas, você pode ter um primo negro, mas você rir do cabelo de uma pessoa negra que você ver na televisão. Vejamos o que nos diz Silvio Almeida:

O racismo é uma imoralidade e também um crime, que exige que aqueles que o praticam sejam devidamente responsabilizados, disso estamos convictos. Porém, não podemos deixar de apontar o fato de que a concepção individualista, por ser frágil e limitada, tem sido a base de análises sobre o racismo absolutamente carentes de história e de reflexão sobre seus efeitos concretos. É uma concepção que insiste em flutuar sobre a fraseologia moralista inconsequente – “racismo é errado”, “somos todos humanos”, “como se pode ser racista em pleno século XXI?”, “tenho amigos negros” etc. – e uma obsessão pela legalidade. No fim das contas, quando se limita o olhar sobre o racismo a aspectos comportamentais, deixa-se de considerar o fato de que maiores desgraças produzidas pelo racismo foram feitas sob o abrigo da legalidade e com o apoio moral de líderes políticos, líderes religiosos e dos considerados “homens de bem”. (ALMEIDA, 2019, p.25)

Existem diversas formas de contribuirmos para que não haja racismo na infância, seja em sala de aula ou em qualquer outro lugar, vejamos dez maneiras disponibilizadas pela UNICEF “O Impacto do Racismo na Infância”, onde apresenta maneiras e formas de agirmos em algumas situações e de combatermos discriminações na infância, são elas:

1. Eduque as crianças para o respeito à diferença. Ela está nos tipos de brinquedos, nas línguas faladas, nos vários costumes entre os amigos e pessoas de diferentes culturas, raças e etnias. As diferenças enriquecem nosso conhecimento.
2. Textos, histórias, olhares, piadas e expressões podem ser estigmatizantes com outras crianças, culturas e tradições. Indigne-se e esteja alerta se isso acontecer- contextualize e sensibilize!
3. Não classifique o outro pela cor da pele; o essencial você ainda não viu. Lembre-se: racismo é crime.
4. Se seu filho ou filha foi discriminado, abrace-o, apoie-o. Mostre-lhe que a diferença entre as pessoas é legal e que cada um pode usufruir de seus direitos igualmente. Toda criança tem o direito de crescer sem ser discriminada.
5. Não deixe de denunciar. Em todos os casos de discriminação, você deve buscar defesa no conselho tutelar, nas ouvidorias dos serviços públicos, na OAB e nas delegacias de proteção à infância e adolescência. A discriminação é uma violação de direitos.
6. Proporcione e estimule a convivência de crianças de diferentes raças e etnias nas brincadeiras, nas salas de aula, em casa ou em qualquer lugar.
7. Valorize e incentive o comportamento respeitoso e sem preconceito em relação à diversidade étnico-racial.
8. Muitas empresas estão revendo sua política de seleção e de pessoal com base na multiculturalidade e na igualdade racial. Procure saber se o local onde você trabalha participa também dessa agenda. Se não, fale disso, com seus colegas e supervisores.
9. Órgãos públicos de saúde e de assistência social estão trabalhando com rotinas de atendimento sem discriminação para famílias indígenas e negras. Você pode cobrar essa postura dos serviços de saúde e sociais da sua cidade. Valorize as iniciativas nesse sentido.
10. As escolas são grandes espaços de aprendizagem. Em muitas, as crianças e os adolescentes estão aprendendo sobre a história e a cultura dos povos indígenas e da população negra; e como enfrentar o racismo. Ajude a

escola de seus filhos a também adotar essa postura. (RIPPER, João, 2010, p.15)

Para darmos continuidade à discussão do presente trabalho, vamos ver do que se trata a palavra racismo, qual o seu significado e como ele está presente no nosso dia a dia. Com base em alguns (as) autores (as) e escritores (as) que trabalham com a temática.

O racismo é também uma forma sistemática de discriminação que tem raça com fundamento e difere de preconceito racial e da discriminação racial, Segundo Silvio de Almeida no seu livro “Racismo estrutural”:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Embora haja relação entre conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial. O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. (ALMEIDA, Silvio, 2019, p.22)

O racismo não está apenas presente em ataques verbais ou físicos, ele está presente em pequenas atitudes e pequenas palavras, como podemos citar duas frases presentes na série “Todo Mundo Odeia o Chris”, ditas por Caruso ao Chris: “pisante bacana, pixaim”, “te pego na saída, neguinho”, frases ditas no primeiro episódio. Frases desse tipo para uma pessoa branca pode ser vista como “besteira” ou “frescura”, mas que pode ferir muito uma pessoa negra, e nós enquanto pessoas brancas nunca iremos saber do que se trata essa dor, pois nós nunca sofremos nenhum ataque pelo simples fato de sermos brancos. Quando esses tipos de atitudes acontecem, além do racismo, se trata também da discriminação racial, a

qual pode acontecer de duas formas, seja direta ou indireta, como destaca Silvio Almeida:

A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça. Assim, a discriminação pode ser direta ou indireta. A discriminação direta é o repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, motivado pela condição racial, exemplo do que ocorre em países que proíbem a entrada de negros, judeus, muçulmanos, pessoas de origem árabe ou persa, ou ainda lojas que recusem atender clientes de determinada raça [...] Já a discriminação indireta é um processo em que a situação específica de grupos minoritários é ignorada – discriminação de fato - , ou sobre a qual são impostas regras de “neutralidade racial” [...] (ALMEIDA, Silvio, 2019, p.23)

Segundo Djamila Ribeiro em seu livro *Pequeno Manual Antirracista*: “o racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade do indivíduo”. A pessoa negra é oprimida desde cedo, na escola, nos anos iniciais, primeiro começa pelas críticas ao cabelo, o que faz a criança achar o seu cabelo feio, o que faz a criança querer ter um cabelo liso e não aceitar o seu cabelo cacheado ou crespo, que faz a criança a não aceitar a sua cor, são atitudes que marcam a criança desde cedo. Seja com um amiguinho da sua escola falando do seu cabelo ou até mesmo algum parente em casa que desde a infância alisa o cabelo das crianças (acontece mais com as meninas), muitas vezes pelo fato da mãe não querer que as suas filhas passem por discriminação racial na escola por terem o cabelo crespo e as vezes o preconceito racial vem por parte da própria mãe ou do próprio pai que não aceita o cabelo da criança. Djamila Ribeiro relata em seu livro *“Pequeno Manual Antirracista”* o que ela passou quando criança na escola nos anos iniciais:

DESDE CEDO, pessoas negras são levadas a refletir sobre sua condição racial. O início da vida escolar foi para mim o divisor de águas: por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade. Até então, no convívio familiar, com meus pais e irmãos, eu não era questionada dessa forma, me sentia amada e não via nenhum problema comigo: tudo era “normal”. “Neguinha do cabelo duro”, “neguinha feia” foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar. Ser a diferente — o que quer dizer não branca — passou a ser apontado como um defeito. Comecei a ter questões de autoestima, fiquei mais introspectiva e cabisbaixa. Fui forçada a entender o que era racismo e a querer me adaptar para passar despercebida. (RIBEIRO, Djamila, 2019, p.10)

Esse é apenas um relato de uma mulher negra que teve que aprender desde cedo sobre o que era o racismo, dentre milhares de outras pessoas negras, de crianças negras, que são oprimidas desde cedo nas escolas, lugar esse que deveria ser um lugar de acolhimento e não um local de onde muitos saíram cheios de cicatrizes, por situações vivenciadas desde muito cedo, por terem recebido diversos xingamentos sem terem feito nada. Pois nem sempre a escola foi um espaço de todos, como nos diz Djamila Ribeiro:

É importante lembrar que, apesar de a Constituição do Império de 1824 determinar que a educação era um direito de todos os cidadãos, a escola estava vetada para pessoas negras escravizadas. A cidadania se estendia estendia a portugueses e aos nascidos e solo brasileiro, inclusive a negros libertos. Mas esses direitos estavam condicionados a posses e rendimentos, justamente para dificultar aos libertos o acesso à educação. (RIBEIRO, 2019, p.5)

Já Lélia Gonzáles destaca que o racismo é algo que todo mundo acha natural e que querem que o negro viva mesmo na miséria, por que o negro é preguiçoso, não quer trabalhar e o mesmo não tem qualidades que não seja irresponsabilidade, incapacidade intelectual e é inferior ao branco:

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criança, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe?

Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. (GONZALES, 2020, p.225-226)

3.1 O papel da educação para combater o racismo

Percebe-se que as diversas cenas de racismo, sofridas pela personagem principal da série “Todo Mundo Odeia o Chris”, acontecem no espaço escolar, por parte dos seus colegas e até mesmo por sua professora e o diretor. Quando a Escola deveria ser um lugar de acolhimento e desconstrução. Nesse capítulo iremos analisar qual é o papel da educação no que diz respeito às relações étnico-raciais e ao racismo explícito nas escolas.

É necessário que tenhamos uma educação que seja efetivamente antirracista, onde professores e professoras trabalhem em conjunto com todos os responsáveis pela educação, pelas escolas, para que tentem instruir alunos (as) e também funcionários (no geral), para que consigam perceber o quanto o racismo faz parte de nossa estrutura social e que tenham a capacidade de se colocar contra esse sistema, o (a) professor (a) deve preparar os (as) alunos(as) para além de não cometerem e reprimirem a discriminação racial, eles sejam agentes contra o racismo: “convenhamos, no entanto, que a educação escolar pode fazer muito mais do que reprimir a discriminação – ela pode e deve preparar as crianças e adultos para valorizarem a diversidade étnico-racial e construírem uma sociedade igualitária” (JÚNIOR, 2012, p.70), onde todos os profissionais da educação tenham a capacidade de entendimento para agir e enfrentar as situações racistas que possam acontecer no espaço escolar, seja por parte de alunos ou por qualquer outra pessoa que frequente a Escola (seja algum parente do aluno ou qualquer funcionário).

O trabalho da educação contra o racismo, como já relatado em outros momentos do texto, não é um trabalho exclusivamente e unicamente do professor, por mais que ele seja o maior responsável (por ele ser o mediador em sala), esse é um trabalho que deve ser feito em conjunto com todos os profissionais que estejam trabalhando efetivamente no espaço escolar. E o que pode ser feito para que se aconteça essa mudança? Segundo Hédio Júnior Silva no livro “Educação infantil, igual racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais”, pode ser feito de dois ângulos distintos e complementares:

O enfrentamento de tais indagações demanda que a educação infantil, como de resto a educação escolar como um todo, seja considerada a partir de dois ângulos distintos e complementares: o primeiro como espaço dentro do qual deve ser assegurada a interação respeitosa e positiva com a diversidade humana, adequando-se os espaços físicos, materiais didáticos e paradidáticos e preparando-se educadoras e funcionários para serem agentes de promoção da diversidade; o segundo ângulo situa a educação infantil como instrumento de transformação social no sentido em que prepara a infância para valorizar positivamente a diferença, dissociando diferença de inferioridade de tal sorte que a médio e longo prazo o preconceito e discriminação sejam erradicados. Isto é, não basta que a educação infantil não seja ela própria uma fonte de discriminação, cabendo-lhe também fomentar uma cultura de respeito recíproco e de convivência harmoniosa entre os grupos étnicos-raciais, como também culturais e religioso, entre outros. (JÚNIOR, 2012, p.71)

A história da pessoa negra não pode continuar sendo silenciada em sala de aula, onde prevalecem os valores culturais da cultura hegemônica branca:

Silenciada, a pessoa negra, no âmbito escolar, não se sente parte da Escola. O processo de autodescoberta parece embaçado, restando uma identidade conectada diretamente com um mundo ideal vendido pela Escola, onde prevalecem os valores culturais da cultura hegemônica branca. (FERREIRA, 2021, p.22)

O (a) professor (a) pode em sala de aula, conversar com os seus alunos, ouvir o que eles sabem e entendem por etnia, racismo e discriminação racial, de

uma forma que a partir dessa conversa o (a) professor (a) saiba como preparar a sua aula, para o melhor entendimento dos seus alunos:

Uma ação importante – que normalmente os adultos têm dificuldade de fazer – é conversar com as crianças, escutar sobre o que sabem e como já se apropriaram de conceitos do mundo ao seu redor. Por exemplo, conversar sobre o que sabem sobre o grupo-étnico amarelo (chineses), seus conhecimentos acerca das diferentes regiões do país e suas culturas. Ao conversar, é importante o professor observar a reação e o comportamento das crianças. Por meio deles, ele poderá entender suas compreensões acerca de conceito já internalizados. A atividade, com as crianças, dará orientação pedagógicas necessárias e, ainda, leituras prementes para sua formação em relação a assuntos com os quais tem pouca habilidade. (TRINIDAD, Cristina Teodoro, 2012, p.130)

Além de observar o espaço escolar, ver quais mudanças ele pode fazer com o que tiver disponível em sala de aula, podendo posteriormente trazer desenhos e figuras do povo africano, da cultura, da música, historicizando sobre cada figura, explicando quando os primeiros navios com os negros escravizados chegaram ao Brasil e quando houve a abolição da escravidão, como determinada comida era feita pelo povo afro-brasileiro, quais ingredientes eles usavam para preparar, quais os instrumentos são de origens africanas, explicando tudo de uma forma leve, fazendo com que as crianças conheçam desde cedo à importância que essas pessoas tiveram na construção do país em que elas vivem:

Avaliar o ambiente escolar em geral e o local em que as crianças permanecem e começar a fazer as mudanças necessárias é primordial. O professor deve ter o olhar crítico sobre os materiais que organizam o ambiente e se perguntar: “Que mensagens sobre diversidade étnico-racial as crianças recebem? As crianças veem imagens que refletem a diversidade étnico-racial que elas observam na sociedade brasileira? Há, ainda, nessas imagens a diversidade de gênero e a diversidade socioeconômica? As imagens incluem pessoas que desenvolvem diferentes atividades profissionais com a representatividade dos diversos grupos étnicos-raciais? (TRINIDAD, 2012, p.131)

Para apresentar o conteúdo étnico-racial de uma forma leve para as crianças, sem falar apenas de discriminação, escravidão e racismo, o (a) professor (a) pode fazer brincadeiras em sala, utilizando objetos, brinquedos diversos, bonecas, máscaras, perucas de diferentes tipos de cabelos, roupas, sapatos, que façam parte da cultura africana, como podem também organizar um dia para fazer um lanche com comidas típicas africanas. Basta que o (a) professor (a) use a sua criatividade em sala para ensinar aos (as) seus (as) alunos (as), principalmente as crianças, de uma forma leve e divertida, dessa forma ele (a) prenderá a atenção do (as) alunos (as) e o fará uma criança que cresça respeitando as diferenças.

É preciso que os educadores entendam qual a gravidade que o racismo e a discriminação racial podem causar na vida de uma criança ou adolescente. Apesar de existirem Leis como a 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena e também a Lei 7.716/1989 que torna os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, crime inafiançável, tais práticas racistas continuam acontecendo diariamente no nosso cotidiano. Cabe ao (a) professor (a) também efetuar denúncias quando presenciar práticas e ações racistas:

Todos nós sabemos que o racismo é muito forte nos dias atuais, mas também cresce o nível de consciência de que o racismo é maléfico e precisa ser combatido, denunciado e eliminado. E a sua postura crítica como professor diante desta luta e denúncia é de fundamental importância. A mídia está anunciando a prisão desse (a) ou daquele (a) cidadão (ã) que discrimina o (a) outro (a). Mas a impunidade neste país é tão grande que muitas pessoas ainda não perceberam que existe uma severa (se cumprida), que protege a todo (a) e qualquer cidadão (ã) vítima da discriminação racial ou étnica ou de qualquer tipo de preconceito. (SANTA ANA, 2005, p.40)

Era comum acontecer essas cenas de racismo nos 1980 nos Estados Unidos, ano em que se passa a série, no entanto mesmo após algumas conquistas do povo

negro, essa realidade ainda permanece nas escolas brasileiras. Mesmo após 133 anos após a abolição formal da escravidão no Brasil, por meio da Lei Áurea (1888), os problemas no que se referem as discriminações raciais e a luta pela igualdade de negros/negras, a luta por respeito, por mais espaço na sociedade e direitos iguais, na sociedade brasileira, permanecem até os dias atuais, isso se dar devido ao preconceito enraizado pelo fato do negro ter sido escravizado, o que faz pensarem que a pessoa negra é inferior ao branco:

O senso comum entendeu que o racismo é resultado de séculos de escravidão. Nessa linha de raciocínio, o fato de o negro ter sido escravizado permite que a sociedade se relacione com ele de forma, para usar um eufemismo, diferenciada. Assim, quem sempre “trabalhou” em atividades domésticas e do campo, durante gerações, seria discriminado econômica e socialmente porque sempre atribuído a serviços ditos menores. Ainda, a partir dessa “lógica” negros e descendentes têm menos poder aquisitivo porque trabalham em atividades que não exigem esforço intelectual, porém não se questiona o motivo de isso ocorrer, se em sociedades outras os trabalhos pragmáticos são mais bem remunerados (FARIAS, Iara Rosa, 2019 p.186)

Hoje se pode dizer que a educação é um “direito de todos”, no entanto a realidade não é bem essa. Ainda existe muitas crianças e adolescentes negros/negras fora da sala de aula, o número de analfabetismo da população negra é muito maior quando se compara ao analfabetismo da pessoa branca, como podemos ver pelos dados apresentados pelo IBGE:

Uma série de indicadores educacionais da população preta ou parda apresentou trajetória de melhora entre 2016 e 2018, tanto como resultado da escolaridade acumulada ao longo das gerações, quanto em decorrência de políticas públicas de correção de fluxo escolar e ampliação do acesso à educação promovidas desde os anos 1990. No entanto, a desvantagem da população preta ou parda em relação à população branca continuou evidente [...] O pior cenário em relação ao analfabetismo refere-se às pessoas pretas ou pardas residentes em domicílios rurais. O crescimento do acesso à educação da população preta ou parda materializa-se desde a infância. Nesse grupo populacional, a frequência das crianças de 0 a 5 anos de idade à creche ou escola aumentou de 49,1% para 53,0%, entre 2016 e 2018. Por outro lado, no último ano, 55,8% das crianças brancas de 0 a 5

anos de idade frequentavam creche ou escola. (IBGE, Desigualdades sociais por Cor ou Raça no Brasil, 2018. p.7)

Sabe-se que a sociedade brasileira nega o racismo firmemente e tende a ignorar os casos que tomam o espaço da mídia nacional e o profissional de educação está inserido nessas pessoas que tendem a negar o racismo, ao estar despreparado, o (a) professor (a), pode cometer algumas práticas que favoreçam o racismo, por mais que seja sem intenção (como já vimos anteriormente quando falamos de racismo, não é importa se é com intenção ou não), silenciar-se em meio as situações de racismo e até mesmo nega-los, só dificulta ainda mais o processo de combate ao racismo, é necessário reconhece-lo e lutar contra as suas práticas, vejamos o que nos diz o MEC:

O subdimensionamento dos efeitos das desigualdades étnico-raciais embota o fôlego de ações de combate ao racismo na sociedade brasileira, visto que difunde a explicação da existência de igualdade de condições sociais para todas as pessoas. Sistemáticamente, a sociedade brasileira tende a fazer, ainda hoje, vistas grossas aos muitos casos que tomam o espaço da mídia nacional, mostrando o quanto ainda é preciso lutar para que todos e todas recebam uma educação igualitária, que possibilite desenvolvimento intelectual e emocional, independentemente do pertencimento étnico-racial do/a aluno/a. Com isso, os (as) profissionais da educação permanecem na não-percepção do entrave promovido por eles/as, ao não compreenderem em quais momentos suas atitudes diárias acabam por cometer práticas favorecedoras de apenas parte de seus grupos de alunos e alunas. Um olhar atento para a escola capta situações que configuram de modo expressivo atitudes racistas. Nesse espectro, de forma objetiva ou subjetiva, a educação apresenta preocupações que vão do material didático-pedagógico à formação de professores (as). (MEC, Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, 2006, p.23)

É de extrema importância reconhecer o quanto o racismo afeta a vida das crianças desde os anos iniciais, é preciso que haja respeito mútuo entre todos e que todos os profissionais da educação estejam preparados, o Governo Federal juntamente com o Ministério da Educação são os principais responsáveis para que haja essa mudança e que preparem todos os profissionais da educação e não

apenas os (as) professores (as) de história, o conteúdo sobre as relações étnico-raciais tem que estar presente em todos, desde a ciências humanas até as exatas e da natureza, o trabalho tem que ser feito em conjunto:

Vale lembrar que o processo de formação de professores (as) deve estar direcionado para todos (as) os (as) profissionais de educação, garantindo-se que aqueles/as vinculados (as) às ciências exatas e da natureza não se afastem de tal processo. (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, 2006, p.24)

A Secadi (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade, por intermédio da Coordenação Geral de Diversidade e Inclusão Educacional (CGDIE), criaram o seguinte trabalho de discussão e a inserção das Diretrizes Curriculares para Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira:

Ao criar o Grupo de Trabalho para a discussão e a inserção das Diretrizes Curriculares para Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secadi), por intermédio da Coordenação-Geral de Diversidade e Inclusão Educacional (CGDIE), reafirma seu objetivo como instrumento decisivo para a promoção da cidadania e do apoio às populações que vivem em situações de vulnerabilidade social. Ademais, os trabalhos desenvolvidos durante as jornadas tiveram como horizontes a construção do Plano de Ação para a Inserção das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, tomando como base os seguintes princípios: Socialização e visibilidade da cultura negro-africana; Formação de professores com vistas à sensibilização e à construção de estratégias para melhor equacionar questões ligadas ao combate às discriminações racial e de gênero e à homofobia; Construção de material didático-pedagógico que contemple a diversidade étnico-racial na escola; Valorização dos diversos saberes; Valorização das identidades presentes nas escolas, sem deixar de lado esse esforço nos momentos de festas e comemorações. (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, 2006, p.24)

O (a) professor (a) pode trabalhar em sala de aula com diversos assuntos, sobre as contribuições que o povo africano e afrodescendente trouxeram ao Brasil.

Seja na nossa cultura, na linguagem, culinária, música, entre outros. É necessário que os (as) alunos (as) compreendam e entendam o tamanho dessa importância e o quanto a população afrodescendente fez e faz parte da nossa história, como relata

Helena Teodoro:

A população afro-descendente no Brasil tem características culturais muito marcantes, que precisam ser mais estudadas e entendidas já que a contribuição dos inúmeros países africanos é muito significativa para todos os setores da vida brasileira, quer se relacione à linguagem, à vida familiar, ao sistema simbólico, à comunidade religiosa, à produção do saber (Ciência) ou à transmissão do saber (Educação). (THEODORO, Helena, Superando o Racismo na Escola, 2005, p. 83)

Na linguagem:

O português falado no Brasil conta com a contribuição das culturas bantas, principalmente de suas línguas, entre elas o Quicongo, o Umbundo e o Quimbundo. Os termos de origem nagô estão mais restritos às práticas e utensílios ligados à tradição dos orixás, como a música, a descrição dos trajes e a culinária afro-baiana. (THEODORO, Helena, Superando o Racismo na Escola, 2005, p. 84)

Na literatura e linguagem musical:

A representação do povo brasileiro afrodescendente vai ser encontrada na obra de compositores populares, que fazem uma literatura plena de ethos, de identidade, criando poesia, provando que a reflexão sobre a realidade não é privativa dos letrados ilustres, mas também daqueles capazes de transformar a natureza a partir da prática adquirida por seu trabalho. Esta capacidade de criar e falar do país, de sua gente, de seus costumes, de sua fé, do cotidiano, é a invenção da arte negra, que flui tal e qual magia ritual, transformando o que não se consegue por meio de formas técnicas. As ideias contidas nesta arte reformularam a prática, levando a um pensar e refletir sobre o cotidiano, fazendo com que os compositores sejam os verdadeiros pensadores e criadores da sociedade autenticamente brasileira e pluricultural. (THEODORO, Helena, Superando o Racismo na Escola, 2005, p. 86)

Vejamos outras maneiras de trabalhar a temática com a temática étnico-racial, apresentada no livro “Superando o Racismo na Escola”:

Vão através dos tempos; desenhos imaginativos; dramatização dos diferentes grupos étnicos que contribuíram para a formação do povo brasileiro; sensibilização para conhecer as diferentes etnias africanas (maneira de vestir, calçar, pentear; como carregam os filhos; hábitos; costumes; religiosidade, etc.); o aluno conta a história do seu próprio nome, sua origem; o aluno será levado a entender porque os negros perderam a identidade do nome; o aluno será levado a conhecer a história de outros nomes significativos para a comunidade negra; desenhando o próprio nome; trabalhando plástica e gestualmente o próprio nome, etc.; movimentos

corporais dos mitos e lendas; brincadeiras e jogos de percepção, levando a que os alunos se conheçam uns aos outros e respeitem suas características fenotípicas; dramatização das pessoas que trabalham em casa, na escola, no bairro, observando as suas características; levar o aluno a manifestar teatralmente a real História do Brasil – a que não é contada -, bem como agressões vividas e vivenciadas; jogos dramáticos através dos quais o aluno exteriorize seus sentimentos e observações pessoais; leituras dramatizadas; corais falados sobre os mais variados temas; cantos; danças; pesquisas, elaboração e utilização de bonecos, máscaras, cenários, figurinos, adereços, etc.; a importância dos elementos da natureza nas culturas de matriz africana; mitos; lendas; contos; literalidade/oralidade. [...] (SILVA, Maria Jose Lopes, 2005, p.130)

Esses são apenas alguns exemplos das presenças do negro na formação do povo brasileiro. Se o (a) professor (a) estudar e pesquisar a fundo, ele terá um imenso material para trabalhar nas suas aulas, para fazer com que os (as) alunos (as) compreendam tamanha importância.

Podemos ver que tivemos um grande passo com a criação da Lei 10.639/03, as Orientações do MEC estão em um contexto que se adequa até os dias atuais, por mais que sejam orientações de 2006, no entanto nos parece que a Lei, juntamente com essas orientações ficam apenas no papel e não foram e nem estão sendo postas em prática nas escolas, a não ser apenas no dia 20 de Novembro (dia da Consciência Negra), sem generalizar, pois existem professores (as) que tentam inserir a temática na sua aula, no entanto não tem apoio da Secretaria da Educação da sua cidade, como também não tem apoio da direção da escola ou pode acontecer de forma contrária, quando é o (a) professor (a) que nega-se a trabalhar com a temática.

4- METODOLOGIA.

A metodologia do trabalho é uma pesquisa qualitativa, além da relação entre análise de conteúdo audiovisual e racismo, através dos vídeos da série “Todo Mundo Odeia O Chris” e de diversos artigos e livros sobre racismo, racismo na escola e mídia televisiva, citados durante o texto.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente trabalho, podemos ter a perspectiva, de que muito ainda precisa ser feito e discutido, no que diz respeito a importância da representatividade de pessoas negras na mídia televisiva, a questões das relações étnico-raciais na educação e a presença do racismo.

Podemos destacar que não importa apenas a quantidade de atores/atrizes negros/negras nas mídias televisivas, tem que haver todo um contexto e um cuidado de como a sua história vai ser contada/apresentada, não adianta apenas darem papéis coadjuvantes, com histórias vagas, apenas como empregadas domésticas, porteiros, a pessoa negra que mora nos bairros com mais casos de violências (sem desmerecer essas pessoas, pois fazem parte da nossa realidade), as pessoas negras não estão apenas nesses locais, as pessoas negras são também bem sucedidas, são médicos (as), advogados (as), engenheiros (as) e tem diversas outras profissões, as pessoas negras tem famílias e sofrem o mesmo problemas sociais que as pessoas brancas, tem que parar de querer que o negro sempre interprete um papel que mostre ele como diferente da pessoa branca, pois são exatamente iguais.

Para tanto é preciso que haja, talvez, algum tipo de projeto que as emissoras televisivas implantem, que faça com que os autores e produtores, trabalhem juntos nas produções de telenovelas que apresentem o negro como personagem principal e com histórias relevantes, que seja discutidos em suas tramas a questão racial, sabendo que isso necessariamente não vai fazer com que o racismo deixe de existir no Brasil de uma hora para outra, mas, esse assunto tem que ser debatido sempre, tem que haver representatividade nas mídias televisivas, para que algum dia nós

possamos dizer que realmente o racismo no Brasil não mais existe, mas até lá, até chegar esse dia tem que haver muito trabalho.

E para tanto esse trabalho além de ser feito nas mídias televisas, para que seja dado mais oportunidades as pessoas negras, para que haja mais representatividade, esse processo tem que ser “mastigado” diariamente nas escolas, tem que haver mais projetos e leis que sejam realmente efetivas e que não fiquem apenas no papel, o Governo Federal junto com os órgãos competentes precisam se mover e fazer algo para que essa realidade seja mudada. A lei 10.639/03 foi um começo, no entanto ela pode ser melhorada ao ser posta em prática, também podemos destacar que foi um enorme avanço quando a Constituição de 1988 tornou o racismo crime inafiançável e apesar dessa lei extremamente necessária, os casos de racismo acontecem diariamente. Por mais que a sociedade tenda a ignorar para os acontecimentos de racismo que acontecem diariamente.

A luta contra o Racismo é de todos e não apenas da pessoa negra. E o (a) professor (a) tem um papel muito importante nessa luta, pois é o (a) mesmo (a) que está no dia a dia em sala de aula com os seus alunos, é o (a) professor (a) que será capaz de ajudar as crianças a não sofrerem racismo na escola e advertir os que praticarem, cabe ao (a) mesmo (a) se informar e se preparar, por mais que não receba apoio da Secretaria de Educação da sua cidade ou da direção da sua escola, tem que partir do (a) professor (a) a iniciativa de colocar em prática os conteúdos étnicos-raciais em sala, sabendo que não será uma tarefa fácil, mas é uma tarefa possível de ser posta em prática.

Os professores e professoras podem e devem usar métodos em sala de aula que ajudem os (as) alunos (as) a compreenderem sobre a importância da representatividade negra na mídia televisa, destacando que ter atores e atrizes

negros e negras nas mídias televisivas não é o suficiente, se não está sendo contada a história da pessoa negra, se ela está apenas representando um papel coadjuvante. Além de usar os episódios da série “Todo Mundo Odeia o Chris”, os professores e professoras podem trabalhar com outras produções em sala de aula. Vivemos em uma era digital, então é de extrema importância que o Governo Federal juntamente com os órgãos competentes, busquem preparar os seus profissionais da educação para estarem aptos para utilizarem outros métodos de ensino e aprendizagem em sala de aula. Não é um trabalho fácil a ser feito e não é um trabalho que deve ser exclusivamente do (a) professor (a), ele (a) precisa de apoio.

6-REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; DUARTE, Carolina de Paula Teles; TRINIDAD, Cristina Teodoro; ARAUJO, Débora Oyayomi Cristina de; OLIVEIRA, Fabiana de; ROSEMBERG, Fulvia; JÚNIOR, Hédio Silva; DIAS, Lucimar Rosa; BENTO, Maria Aparecida Silva; SILVEIRA, Marly; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; CARVALHO, Silvia Pereira. BENTO, Maria Aparecida Silva, organizadora. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade; aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo, 2012.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo, 2019

ANDRADE, Danubia. **Análise crítica e criativa do seriado Todo mundo odeia o Chris**, 2011. Disponível em < <https://leccufrj.files.wordpress.com/2011/12/anc3a1lise-crc3adtica-todo-mundo-odeia-o-chris-por-danubia-andrade1.pdf>> Acesso em: 03 de Janeiro de 2021.

DE ALMEIDA, Ludmila Pereira. **Todo mundo odeia o Chris: Performatividade e vulnerabilidade dos corpos negros à linguagem midiática**. Disponível em: < <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7098/5/Dissertac%CC%A7a%CC%83o%20-%20Ludmila%20Pereira%20de%20Almeida%20-%202017.pdf>> Acesso em: 03 de Janeiro de 2021.

FARIAS, Iara Rosa. **Investigações sobre o racismo: contribuições da semiótica francesa**. Estudos Semióticos. Volume 15, Edição Especial, São Paulo, abril de 2109, p. 184-195 Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/154970>> Acesso em: 11 de Maio de 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03**, 2011. Disponível em < https://www.geledes.org.br/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-a-lei-1063903/?gclid=Cj0KCQjw1PSDBhDbARIsAPeTqrfjbpK_I_o_4_imq5TA7b76INyVzd hDxPuXpDapLPzP6-XpyouzbiUaAv3WEALw_wcB> Acesso em 19 de abril de 2021.

GONZALES, Léia. **Racismo e Sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%2C%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf> Acesso em: 11 de Maio de 2021.

IBGE, Estudos e Pesquisas-Informação Demográfica e Socioeconômica - n.41, **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, 2018**. Disponível em: <

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf> Acesso em: 30 de Abril de 2021.

IMDb. **Todo Mundo Odeia o Chris. Lista de Episódios.** Disponível em:< <https://www.imdb.com/title/tt0460637/episodes?season=1>> Acesso em: 21 de Maio de 2021.

KRISHNA, Emilly, **55 anos de Chris Rock: Todo mundo Odeia o Chris!** Postado em 07/02/2020. Disponível em:< <https://ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/26345/55-anos-de-chris-rock-todo-mundo-odeia-o-chris>> Acesso em: 02 de Janeiro de 2021.

LIMA, Solange Martins Couceiro de. **A Personagem Negra na Telenovela Brasileira: Alguns Momentos.** *Revista USP*, São Paulo, nº48, 2000-2001.

Kartar Ipobe Media. Audiência TV 15 Mercados 30/03/2021. **Dados de audiência nas 15 praças regulares com base no ranking consolidado – 22/03 a 28/03/2021.** Disponível em: < <https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-22-03-a-28-03-2021/>> Acesso em: 21 de Maio de 2021.

MIELKE, Ana Claudia. **Negros e mídia: invisibilidades**, 2017. Disponível em: < <https://diplomatique.org.br/negros-e-midia-invisibilidades/>> Acesso em: 10 de Maio de 2021.

Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Diretrizes Curriculares das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, Brasília: SECAD, 2004.

Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**, Brasília: SECAD, 2006.

Nossa Causa. **Somos racistas?** Disponível em: < <https://nossacausa.com/somos-todos-racistas/>> Acesso em: 10 de Maio de 2021.

PACHECO, Paulo. Viva explica aviso em Da Cor do Pecado após ignorar título racista de novela, 2021. Disponível em: < <https://observatoriodatv.uol.com.br/colunas/paulo-pacheco/viva-explica-aviso-em-da-cor-do-pecado-apos-ignorar-titulo-racista-de-novela>> Acesso em: 17 de Maio de 2021.

PREVIDELLI, Fabio. **Infância humilde e racismo na escola: A história real por trás de todo mundo odeia o Chris.** Disponível em: < <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/infancia-humilde-racismo-na-escola-a-historia-real-por-tras-de-todo-mundo-odeia-o-chris.phtml>> Acesso em: 03 de Janeiro de 2021.

RIBEIRO, Débora, Dicionário Online de Português. **Racismo.** (2009-2021). Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/racismo/>> Acesso em: 03 de Janeiro de 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo. 1ª edição. Companhia das Letras, 2019.

RIPPER, João. **O Impacto do Racismo na Infância.** UNICEF/BRZ, Brasília, 2010.

SILVA, Ana Célia de; SANT'ANA, Antonio Olímpio de; MOURA, Glória; THEODORO, Helena; LIMA, Heloisa Pires de; ANDRADE, Inaldete Pinheiro de; SILVA, Maria José Lopes de; GOMES, Nilma Lino; GONÇALVES, Petronilha Beatriz; ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos; LOPES, Vera Neusa. MUNANGA, Kabengele, organizador. **Superando o Racismo na escola.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2º edição revisada, 2005.

Todo Mundo Odeia O Chris (Everydoby Hates Chris). Primeira Temporada. Direção: Andrew Oresntein. Criadores: Christopher Julius Rock III e Ali LeRoi. Amazon Prime Vídeo Brasil, 2006.

URI – Iniciativa das Religiões Unidas, de Curitiba. **Diversidade religiosa e direitos humanos.** Curitiba: Gráfica da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná. 2007.

WANDOLERO, Wando Moreira Don. **Como a série “Todo mundo odeia o Chris” retrata o racismo nos Estados Unidos.** Disponível em: < <https://www.otageekbr.com/post/como-a-s%C3%A9rie-todo-mundo-odeia-o-chris-retrata-o-racismo-nos-estados-unidos>> Acesso em: 03 de Janeiro de 2021.

**ANEXO A – CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CONSELHO
PLENO/DF RESOLUÇÃO Nº1, de 17 de junho de 2004.**

**Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações
Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**

– O PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, TENDO EM VISTA O DISPOSTO NO ART. 9º, § 2º, ALÍNEA “C”, DA LEI Nº 9.131, PUBLICADA EM 25 DE NOVEMBRO DE 1995, E COM FUNDAMENTAÇÃO NO PARECER CNE/CP 3/2004, DE 10 DE MARÇO DE 2004, HOMOLOGADO PELO MINISTRO DA EDUCAÇÃO EM 19 DE MAIO DE 2005, E QUE A ESTE SE INTEGRA, RESOLVE:

– ART. 1º A PRESENTE RESOLUÇÃO INSTITUI DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA, A SEREM OBSERVADAS PELAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO, QUE ATUAM NOS NÍVEIS E MODALIDADES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E, EM ESPECIAL, POR INSTITUIÇÕES QUE DESENVOLVEM PROGRAMAS DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUA DE PROFESSORES.

– § 1º AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR INCLUIRÃO NOS CONTEÚDOS DE DISCIPLINAS E ATIVIDADES CURRICULARES DOS CURSOS QUE MINISTRAM, A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, BEM COMO O TRATAMENTO DE QUESTÕES E TEMÁTICAS QUE DIZEM RESPEITO AOS AFRODESCENDENTES, NOS TERMOS EXPLICITADOS NO PARECER CNE/CP 3/2004.

– § 2º O CUMPRIMENTO DAS REFERIDAS DIRETRIZES CURRICULARES, POR PARTE DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO, SERÁ CONSIDERADO AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO DO ESTABELECIMENTO.

– ART. 2º AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANAS CONSTITUEM-SE DE ORIENTAÇÕES, PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS PARA O PLANEJAMENTO, EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO, E TÊM POR META, PROMOVER A EDUCAÇÃO DE CIDADÃOS ATUANTES E CONSCIENTES NO SEIO DA

SOCIEDADE MULTICULTURAL E PLURIÉTNICA DO BRASIL, BUSCANDO RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS POSITIVAS, RUMO À CONSTRUÇÃO DE NAÇÃO DEMOCRÁTICA.

– § 1º A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS TEM POR OBJETIVO A DIVULGAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS, BEM COMO DE ATITUDES, POSTURAS E VALORES QUE EDUQUEM CIDADÃOS QUANDO À PLURALIDADE ÉTNICO-RACIAL, TORNANDO-OS CAPAZES DE INTERAGIR E DE NEGOCIAR OBJETIVOS COMUNS QUE GARANTAM, A TODOS, RESPEITO AOS DIREITOS LEGAIS E VALORIZAÇÃO DE IDENTIDADE, NA BUSCA DA CONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA.

– § 2º O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA TEM POR OBJETIVO O RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE, HISTÓRIA E CULTURA DOS AFRO-BRASILEIROS, BEM COMO A GARANTIA DE RECONHECIMENTO E IGUALDADE DE VALORIZAÇÃO DAS RAÍZES AFRICANAS DA NAÇÃO BRASILEIRA, AO LADO DAS INDÍGENAS, EUROPÉIAS, ASIÁTICAS.

– § 3º CABERÁ AOS CONSELHOS DE EDUCAÇÃO DOS ESTADOS, DO DISTRITO FEDERAL E DOS MUNÍCIPIOS DESENVOLVER AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS INSTITUÍDAS POR ESTA RESOLUÇÃO, DENTRO DO REGIME DE COLABORAÇÃO E DA AUTONOMIA DE ENTES FEDERATIVOS E SEUS RESPECTIVOS SISTEMAS.

– Art. 3º A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICOS-RACIAIS E O ESTUDO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, E HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA SERÁ DESENVOLVIDA POR MEIO DE CONTÉUDOS, COMPETÊNCIAS, ATITUDES E VALORES, A SEREM ESTABELECIDOS PELAS INTITUIÇÕES DE ENSINO E SEUS PROFESSORES, COM O APOIO E SUPERVISÃO DOS SISTEMAS DE ENSINO, ENTIDADES MANTENEDORAS E COORDENAÇÕES PEDAGÓGICAS, ATENDIDAS AS INDICAÇÕES, RECOMENDAÇÕES E DIRETRIZES EXPLICITADAS NO PARACER CNE/CP 003/2004.

– § 1º OS SISTEMAS DE ENSINO E AS ENTIDADES MANTENEDORAS INCENTIVARÃO E CRIARÃO CONDIÇÕES MATERIAIS E FINANCEIRAS, ASSIM COMO PROVERÃO AS ESCOLAS, PROFESSORES E ALUNOS, DE MATERIAL

BIBLIOGRÁFICO E DE OUTROS MATERIAIS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS PARA A EDUCAÇÃO TRATADA NO “CAPUT” DESTE ARTIGO.

– § 2º AS COORDENAÇÕES PEDAGÓGICAS PROMOVERÃO O APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS, PARA QUE OS PROFESSORES CONCEBAM E DESENVOLVAM UNIDADES DE PROGRAMAS, ABRAGENDO OS DIFERENTES COMPONENTES CURRICULARES.

– § 3º O ENSINO SISTEMÁTICO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA EDUCAÇÃO BÁSICA, NOS TERMOS DA LEI 10639/2003, REFERE-SE, EM ESPECIAL, AOS COMPONENTES CURRICULARES DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, LITERATURA E HISTÓRIA DO BRASIL.

– § 4º OS SISTEMAS DE ENSINO INCENTIVARÃO PESQUISAS SOBRE PROCESSOS EDUCATIVOS ORIENTADOS POR VALORES, VISÕES DE MUNDO, CONHECIMENTOS AFRO-BRASILEIROS, AO LADO DE PESQUISAS DE MESMA NATUREZA JUNTO AOS POVOS INDÍGENAS, COM O OBJETIVO DE AMPLIAÇÃO E FORTALECIMENTO DE SABES TEÓRICAS PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

– ART. 4º OS SISTEMAS E OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PODERÃO ESTABELECEM CANAIS DE COMUNICAÇÃO COM GRUPOS DO MOVIMENTO NEGRO, GRUPOS CULTURAIS NEGROS, INSTITUIÇÕES FORMADORAS DE PROFESSORES, NÚCLEOS DE ESTUDOS E PESQUISAS, COMO OS NÚCLEOS DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS, COM A FINALIDADE DE BUSCAR SUBSÍDIOS E TROCAR EXPERIÊNCIAS PARA PLANOS INSTITUCIONAIS, PLANOS PEDAGÓGICOS E PROJETOS DE ENSINO.

– ART. 5º OS SISTEMAS DE ENSINO TOMARÃO PROVIDÊNCIAS NO SENTIDO DE GARANTIR O DIREITO DE ALUNOS AFRODESCENDENTES DE FREQUENTAREM ESTABELECIMENTOS DE ENSINO DE QUALIDADE, QUE CONTENHAM INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS SÓLIDOS E ATUALIZADOS, EM CURSOS MINISTRADOS POR PROFESSORES COMPETENTES NO DOMÍNIO DE CONTEÚDOS DE ENSINO E COMPROMETIDOS COM A EDUCAÇÃO DE NEGROS E NÃO NEGROS, SENDO CAPAZES DE CORRIGIR POSTURAS, ATITUDES, PALAVRAS QUE IMPLIQUEM DESRESPEITO E DISCRIMINAÇÃO.

– ART. 6º OS ÓRGÃOS COLEGIONADOS DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO, EM SUAS FINALIDADES, RESPONSABILIDADES E TAREFAS,

INCLUIRÃO O PREVISTO O EXAME E ENCAMINHAMENTO DE SOLUÇÃO PARA SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO, BUSCANDO-SE CRIAR SITUAÇÕES EDUCATIVAS PARA O RECONHECIMENTO, VALORIZAÇÃO E RESPEITO DA DIVERSIDADE.

– § ÚNICO: OS CASOS QUE CARACTERIZEM RACISMO SERÃO TRATADOS COMO CRIME IMPRESCRITÍVEIS E INAFIANÇÁVEIS, CONFORME PREVÊ O ART. 5º, XLII DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988.

– ART. 7º OS SISTEMAS DE ENSINO ORIENTARÃO E SUPERVISIONARÃO A ELABORAÇÃO E EDIÇÃO DE LIVROS E OUTROS MATERIAIS DIDÁTICOS, EM ATENDIMENTO AO DISPOSTO NO PARECER CNE/CP 003/2004.

– ART. 8º OS SISTEMAS DE ENSINO PROMOVERÃO AMPLA DIVULGAÇÃO DO PARECER CNE/CP 003/2004 E DESSA RESOLUÇÃO, EM ATIVIDADES PERIÓDICAS, COM A PARTICIPAÇÃO DAS REDES DAS ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS, DE EXPOSIÇÃO, AVALIAÇÃO E DIVULGAÇÃO DOS ÊXITOS E DIFICULDADES DO ENSINO E APRENDIZAGENS DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA E DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.

– § 1º OS RESULTADOS OBTIDOS COM AS ATIVIDADES MENCIONADAS NO CAPUT DESTE ARTIGO SERÃO COMUNICADAS DE FORMA DETALHADA AO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, À SECRETARIA ESPECIAL DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL, AO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E AOS RESPECTIVOS CONSELHOS ESTADUAIS E MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO, PARA QUE FOREM REQUERIDAS.

– ART. 9º ESTA RESOLUÇÃO ENTRA EM VIGOR NA DATA DE SUA PUBLICAÇÃO, REVOGADAS AS DISPOSIÇÕES EM CONTRÁRIO

– ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA

– PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ANEXO B – LISTA DE EPISÓDIOS DA SÉRIE “TODO MUNDO ODEIA O CHRIS” NOS ESTADOS UNIDOS, NA PRIMEIRA TEMPORADA.

| TITULO | TRANSMISSÃO ORIGINAL | AUDÊNCIA |
|--|-------------------------|----------|
| 1. Todo Mundo Odeia o Chris Everybody Hates the Chris (1982) | 8 de Novembro de 2005 | 7,8/10 |
| 2. Todo mundo Odeia Keisha Everybody Hates Keisha (1982) | 29 de Setembro de 2005 | 7,6/10 |
| 3. Todo Mundo Odeia Basquetebol Everybody Hates Basketball (1982) | 6 de Outubro de 2005 | 7,6/10 |
| 4. Todo Mundo Odeia Linguiça Everybody Hates Sausage (1982) | 13 de Outubro de 2005 | 7,8/10 |
| 5. Todo Mundo Odeia Mikão Everybody Hates Fat Mike (1982) | 20 de Outubro de 2005 | 7,6/10 |
| 6. Todo Mundo Odeia Halloween Everybody Hates Halloween (1982) | 27 de Outubro de 2005 | 7,7/10 |
| 7. Todo Mundo Odeia a Babá Everybody the Babysitter (1982) | 3 de Novembro de 2005 | 7,8/10 |
| 8. Todo Mundo Odeia a Lavanderia Everybobdy Hates the Laundromat (1982) | 10 de Novembro de 2005 | 7,3/10 |
| 9. Todo Mundo Odeia vale- refeição Everydoby Hates Food Stamps (1982) | 17 de Novembro de 2005 | 7,8/10 |
| 10. Todo Mundo Odeia Greg Everybody Hates Greg (1982) | 24 de Novembro de 2005 | 7,7/10 |
| 11. Todo Mundo Odeia o Natal Everybody Hates Christmas (1982) | 15 de Dezembro de 2005 | 8,0/10 |
| 12. Todo Mundo Odeia O Emprego de meio período Everybody Hates a Part-Time Job (1983) | 6 de Janeiro de 2006 | 7,8/10 |
| 13. Todo Mundo Odeia O dia da foto Everybody Hates Picture Day (1983) | 2 de Fevereiro de 2006 | 7,7/10 |
| 14. Todo Mundo Odeia O Dia Dos Namorados Everybody Hates Valentine´s Day (1983) | 9 de Fevereiro de 2006 | 7,5/10 |
| 15. Todo Mundo Odeia a Loteria Everybody Hates the Lottery (1983) | 16 de Fevereiro de 2006 | 8,0/10 |
| 16. Todo Mundo Odeia a Gota | 2 de Março de 2006 | 7,6/10 |

| | | |
|--|---------------------|--------|
| Everybody Hates the Gout (1983) | | |
| 17. Todo Mundo Odeia Funerais Everybody Hates Funerals (1983) | 23 de Março de 2006 | 7,5/10 |
| 18. Todo Mundo Odeia Corleone Everybody Hates Corleone (1983) | 13 de Abril de 2006 | 7,4/10 |
| 19. Todo Mundo Odeia o Drew Everybody Hates Drew (1983) | 20 de Abril de 2006 | 7,7/10 |
| 20. Todo Mundo Odeia Playboy Everybody Hates Playboy (1983) | 27 de Abril de 2006 | 7,6/10 |
| 21. Todo Mundo Odeia a Prisão Everybody Hates Jail (1983) | 4 de Maio de 2006 | 7,7/10 |
| 22. Todo Mundo Odeia o Dia dos Pais Everybody Hates Father's Day (1983) | 28 de Maio de 2006 | 8,2/10 |

ANEXO C – LISTA AUDIÊNCIA DA SÉRIE “TODO MUNDO ODEIA O CHRIS” NO BRASIL, NA REDE RECORD TV.

| 15 praças | | | GDE. São Paulo | | | GDE. Rio de Janeiro | | |
|----------------------|----------------------|------------------|-----------------------|----------------------|------------------|----------------------------|----------------------|------------------|
| Audiência Domiciliar | Audiência Individual | COV % Individual | Audiência Domiciliar | Audiência Individual | COV % Individual | Audiência Domiciliar | Audiência Individual | COV % Individual |
| Rat % | Rat # | COV % | Rat % | Rat # | COV % | Rat % | Rat # | COV % |
| 5,3 | 1.676,2 | 6,4 | 6,0 | 525,0 | 6,4 | 5,1 | 331,5 | 6,4 |